



VIOLÊNCIAS SIMBÓLICAS A PARTIR DAS MEMÓRIAS E DOS CORPOS DE TRANS JOVENS

Rodrigo Pedro Casteleira - Mestrando em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá.

INTRODUÇÃO

O presente artigo expõe o depoimento de quatro pessoas trans jovens a fim analisar em que medida suas memórias revelam como seus corpos dialogam com a sociedade. Além disso, relaciona como a corporalidade e o envelhecimento são observados por elas em confronto com autores como Le Breton (2012), que trata dos corpos; Miriam Goldenberg (2011) e suas pesquisas geracionais; Judith Butler (2003) ao trabalhar com o gênero, além de confrontar com as Leis nacionais em relação às delimitações sobre juventude e envelhecimento.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é pontuar como pessoas trans femininas projetam suas velhices a partir da memória. Desta forma, o que elas elaboram trazem à tona uma miríade de situações que se cruzam em seus corpos: juventude, envelhecimento, violências e gênero.

Procedimentos metodológicos

As trans entrevistadas são jovens, uma vez que possuem idade entre dezoito e vinte e nove anos, como regulamenta o Estatuto da Juventude, conforme a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, Dos Direitos e das Políticas Públicas de Juventude, em seu primeiro parágrafo.

Para que se compreenda a dinâmica das quatro entrevistadas que dispuseram a conceder uma entrevista, faz-se necessário observar o que seja a categoria trans. A identidade da pessoa transexual pode ser definida como diferente a do seu sexo biológico, o que também não descarta a possibilidade



de realizarem adequações cirúrgicas para ‘adequar’ seu sexo conforme o gênero escolhido.

Resultados e discussões

A relação entre gênero e corpo não implica na necessidade em correções cirúrgicas em suas genitálias, pois depende da intencionalidade e forma como cada uma delas manifesta a vontade em realizar as adequações para que o sexo biológico e sua identidade de gênero estejam em harmonia (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT, s/d, p. 17). No caso das quatro jovens entrevistadas, não há, até o momento, qualquer desejo em modificar suas genitálias, o que não significa que suas conceituações de gênero não estejam afixadas estruturalmente. Seus corpos jovens e que representam a feminilidade são o meio de comunicação social, mas não são atemporais. A juventude é marcada por intermédio dessa comunicação corpórea, porém, os corpos femininos parecem sofrer mais com o passar dos anos e a proximidade da velhice. Sibila, por exemplo, descreve que “não é fácil ser velho no mundo contemporâneo – ser velha, então, pior ainda” (SIBILA, 2011, p. 84).

Casotti e Campos (2011), por exemplo, esclarecem sobre uma dinâmica que se inicia na juventude e que implica em um do fantasma do envelhecimento que ronda as mulheres: a beleza. A violência simbólica que o gênero feminino sofre parece ser agravada com o fato de que seus corpos não estão mais jovens, e mais, caso o corpo seja trans, parece haver um estigma maior ainda, sobretudo se está no mercado do sexo.

O objetivo principal da investigação com trans jovens é compreender como elas projetam suas imagens na velhice e quais percepções acerca do que vivenciam elaboram a partir de si e dos outros. Além disso, quais violências estão expostas por ser trans, jovens e envelhecerem nos espaços urbanos?

Para o desenvolvimento da pesquisa o método escolhido foi o de registro oral dos quatro depoimentos das trans que se dispuseram a participar,



bem como foi feita a descrição e análise das falas a fim de estabelecer uma conexão entre a transformação do corpo masculino em feminino e a projeção do processo de envelhecimento a ser vivido. O número de travestis entrevistadas é de quatro uma vez que existe certa dificuldade em encontrar pessoas dispostas a conceder um depoimento, ou que indique alguém que o possa. Por causa dessa dificuldade, preferi contatar uma travesti que já conhecia, além da indicação de outras pessoas, sem a preocupação de formar uma rede em si, uma vez que a dinâmica se configurou como aleatória.

O recurso de gravação foi utilizado para o registro dos depoimentos, com o tempo máximo de uma hora de gravação, além de registrar em um diário de campo as impressões, os apontamentos das trans, suas reações frente às questões do roteiro de entrevista e mesmo as dificuldades do próprio pesquisador. O diário carrega as impressões dos locais, das informantes, de seus gestos, do trajeto, enfim, se trata de um meio para organizar e reorganizar o desenvolvimento do projeto em confronto com as transcrições.

A coleta dos depoimentos revelou pedaços do passado, “encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente” (ALBERTI, 2004, p. 15). O ponto inicial da coleta se deu a partir das falas gravadas das informantes que resgataram em suas memórias uma parte do passado, que depois foram documentados sob a forma de escrita.

O que legitima a escolha pela memória oral, apesar das descontinuidades, fascínios e enigmas, é o fato de que, quando bem aproveitada, revela-se como uma égide de ensinamento do passado, e mesmo assim não se esgota todas as possibilidades sociais. As trans e seus percursos de vida são evidenciados nas entrevistas, o que tornou possível analisar a existência de padrões de socialização, suas trajetórias e os grupos a que pertencem.

A gravação é o principal veículo para a análise da narrativa das trans: suas vivências, modos de vida, testemunhos e modificações. Sem esses



recursos, gravação e narrativa, o vivido se perderia no esquecimento da trans, uma vez que não traduziriam em linguagem suas memórias, e sem a gravação o pesquisador estaria incapacitado de promover uma análise, já que seriam suas memórias referentes à entrevista sobrepostas às memórias vividas de outrem. Ao contar suas experiências, a trans, por intermédio de sua linguagem, organiza, elabora, seleciona e imputa sentido, seu sentido frente à memória. Ela transforma, como sugere Alberti (2004), suas imagens cristalizadas em narrativa, o que pode ser um recurso mais bem “bem-sucedido do que outras (assim como algumas entrevistas de história oral são certamente mais bem-sucedidas do que outras)” (Alberti, 2004, p. 77).

As memórias das trans foram resgatadas a partir de um roteiro semiestruturado como ‘provocação’ para que seus depoimentos fluíssem. Desta forma, é patente observar como o corpo representa um elemento de conexão no mundo, como uma linguagem de comunicação sociocultural, o que implica em pensá-lo não apenas como aparato biológico. A pesquisa revelou como os corpos das jovens trans são pensados por elas não apenas como corpo biológico, mas também uma miríade cultural. Le Breton (2012) diz que o corpo representa a individuação de cada pessoa, por isso, cada pessoa reinventa seu corpo da maneira que deseja. No caso das trans, seus corpos jovens sofrem uma amalgama de violências: por serem trans; por representarem o gênero feminino; por envelhecerem antes que as demais pessoas e, em alguns casos, por serem profissionais do sexo.

Referências:

ALBERTI, Verena. Ouvircontar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de idade (2000)**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/pop_Censo2000.pdf>, acesso em 05 de janeiro de 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 2. ed. rev. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de idade (2010)**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/tabelas_pdf/tab1.pdf>, acesso em: 05 de jan. 2014.

CASOTTI, Letícia; CAMPOS, Roberta. **Consumo da beleza e envelhecimento: histórias da pesquisa e de tempo**. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 109-131.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes. 2ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas**. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.

MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT. Disponível em <<http://www.abglt.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>> acesso em 12 de março de 2012.

SHIMURA, Joyce M. **ANA, DULCINÉIA E EMANUELA: narrativas travestis e discursos científicos sobre a construção dos corpos na escola**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Maringá, 2012.

SIBILIA, Paula. **A moral da pele lisa e a censura midiática: o corpo velho como uma imagem com falhas**. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 83-108.

SIBILIA, Paula. **Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais**. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana



Vilodre (orgs.). O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012, p. 145-160.

PESSOA, Pessoa, Emerson Roberto de Araújo. A construção de corpos e feminilidades: travestis e transexuais para além da prostituição. – Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Maringá, 2013.